



X – A Roda da Fortuna: simboliza as eventuais e positivas mudanças da vida, sempre no intuito de evolução: mudança de ares (de emprego), mudança de lar (para uma residência mais espaçosa e confortável), mudança de relacionamentos amorosos e de amizades; esta carta do tarot de Marselha também é indicadora de sorte, como seu próprio nome diz (fortuna): A Roda da Fortuna representa novas portas, janelas e oportunidades, coisas que inevitavelmente estão para acontecer, esforços e iniciativas em curso.



Marta Facco

**]SEN.TAR[**: Sedar, Sentir, Sedação, Sentação, Sentido, Sentado.

18

**Sentar** = Possibilidade de não estar, não existir, ser sedado, afetado.

Ato de repousar sobre algo; sedar; acalmar; acomodar o que incomoda; flexionar as pernas até apoiar a bunda no assento; ação de esperar; movimentação dos corpos em direção ao repouso; a busca pelos corpos cansados; repousar o incômodo, desacomodar o outro; descansar; assentar-se.

## DESASOSSEGO\*

A primeira vez que a vi tive certeza;

A palavra não basta para a verdade que ela contém;

Preciso inventar uma pele para tudo;

Então o corpo some, mas antes disso enfesta bem um ambiente, faz seu mal contente;

Como todo mundo, comecei a fotografar as pessoas à minha volta, nas cadeiras da varanda;

Ele me diz com o ar um pouco mimado que a arte é aquilo que ajuda a escapar da inércia;

Antes te dava chás de cadeira alternados com telefonemas de consultas;

Saí deixando pistas;

Galguei a ladeira com caretas, antecipando o frio e os sons eróticos povoando a sala esfumaçada;

Ninguém mais tem direito a vida privada, tudo é público;  
Após o objeto vem a imagem;  
A identidade de um objeto depende antes de mais nada de sua opacidade;  
Cansei de arrancar a pele das coisas, dá sempre o mesmo;  
A pele solta quando o interior seca;  
Estou te dizendo isso a oito dias;  
É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço;  
Eu sentia um calor terrível, inquieta na cadeira branca de ferro coberta de hábitos pretos;  
A mala repousa nesta cadeira aqui;  
Mas as aparências desenganam, estou desenganada;  
Falar me tira de pauta, vou passar a desenhar, para sair de pauta;  
Lá fora encontrei o outro de todos os mundos;  
E ali sentada, com o casaco do morto na cadeira, tuas mãos prévias enganam o objeto;

Estou farta dessa falta enxuta, dessa ausência de objetos rotundos e contundentes;  
É tudo uma questão de ordem, me disse ele subindo a escada;  
Mas foi, embora abismos contorcidos se abram e se fecham a todo o momento;  
Embora coisas imóveis perpassem e retornem;  
Embora ninguém fale, e as vozes encham o ar;  
De um objeto sem nome não sabemos o que fazer;  
Agora o que você não fez está feito;  
Ganhou frágeis dobradiças em seu corpo;  
Sendo móvel, vai onde quer;  
Livre, leve e louca;  
Querendo querer o que não queria, mas quero;  
Vai por aí, perambulando e enchendo o mundo com palavras inúteis e formas decompostas;  
Não escrevo mais, estou desenhando numa vila que não me pertence;

Ouço murmúrios de uma mobília morta;

Sem passado nem presente;

Relação de uma não relação, um tempo sem tempo;

Aqui o tempo se fazia ao contrário;

Meu desejo era boiar como um cadáver na existência da linguagem;

Eu não sei focar ali no jardim;

Não sei escrever versos;

Por isso prefiro imprimir decalques de mentiras em muros reais;

Preciso esquecer a felicidade, mas não a ponto de ser infeliz, só até esquecer;

A lembrança é a liberdade do passado;

Escrever é sair de si mesmo;

Mesmo que o disforme acabe se organizando pelas bordas;

E o devir seja um desvio mortal;

Na verdade, tudo me leva ao indesejável;  
Não se confessa os próprios sentimentos;  
Continuo a insistir que sua ironia é arrogante demais, sugiro que a torne mais velada, mais sutil, oculta entre as dobras;  
Então, basta subir as escadas e sentar nos degraus e encostar a cabeça nos tijolos;  
A linguagem poética é assim, existe em estado de contínua travessia para o Outro;  
Escrever é a travessia da vida;  
Habitar sem hábitos;  
Descobrir o interminável;  
Fazer-se oco do que não pode parar de falar;  
Um azul que por afrontamento do desejo insiste na maldade de escrever;  
Um diálogo de surdos.

23

Marta Facco, junho de 2017.

\*Narrativa construída a partir de fragmentos de textos de Ana Cristina Cesar, Nuno Ramos, Maurice Blanchot e Gilles Deleuze.

## Referências

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, pp. 82-93 e 309-351.

———. *A conversa infinita 3: a ausência de livro, o neutro o fragmentário*; Trad. João Moura Jr. – São Paulo: Escuta, 2010, pp. 141-151.

———. *O espaço literário*; Trad. Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Rocco, 1987, pp. 9-25.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia da Letras, 2013

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*; Trad. Peter Pál Pelbart – São Paulo: Ed. 34, 1997, pp.11-16.

———. *Foucault/Gilles Deleuze*; Trad. Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro – São Paulo: Brasiliense, 2005, pp.78-100.

RAMOS, Nuno. *Cujo*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.